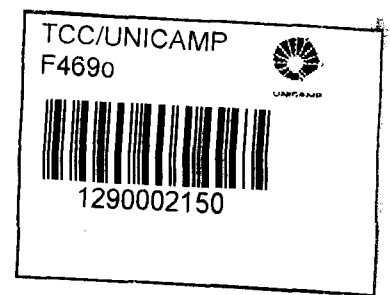


**UM OLHAR FENOMENOLÓGICO PARA O CORPO DA PESSOA
PORTADORA DE DEFICIÊNCIA VISUAL QUE DANÇA**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação Física Adaptada, realizado pelo Departamento de Atividade Motora Adaptada, na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob Orientação da Prof^a. Dr^a. Silvana Venâncio.

Campinas

1996



Agradecimentos

Realizar um trabalho acadêmico é uma surpresa muito maior que imaginamos, pois vivemos tantas experiências que dificilmente conseguimos expressar com fidelidade todos os instantes.

Encontros, desencontros, conflitos, risos, conversas, trabalhos, enfim, são tantos corpos que nos relacionamos que penso em agradecer inicialmente a Deus por possibilitar-me estes momentos. Também desejo agradecer:

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Silvana Venâncio, toda minha admiração por sua competência e carinho;

Aos professores do departamento de Atividade Motora Adaptada da FEF: Prof. Dr. Edison Duarte, Prof. Dr. José Júlio Gavião, Prof. Dr. Júlio Romero, Prof^a. Dr^a. Maria da Consolação C. Tavares, Prof. José Luiz Rodrigues, Prof^a. Ana Isabel Figueiredo e Prof. Paulo Araújo pelo grande aprendizado de vida e oportunidades tão importantes;

À Arabel Vieira Issa, por sua amizade e delicadeza de ser;

Aos amigos da Especialização pelos momentos vividos juntos;

Aos funcionários da FEF pela ajuda do dia-a-dia;

Aos alunos que participam do projeto "Atividades físicas e Esportes para pessoas portadoras de deficiências" todo carinho pela disponibilidade nas aulas, nos dando garra para continuar;

Ao grupo de estudos sobre fenomenologia da FEF, onde aprendemos um outro olhar;

Aos Sujeitos desta pesquisa que se dispuseram a participar;

Ao Christian e a Yvone pela grande ajuda e dedicação em digitar o trabalho;

À minha família que vivencia tudo de longe, porém mais perto que nunca, e as palavras pouco traduzem o meu sentir...

Resumo

Neste trabalho estivemos buscando a compreensão do significativo da Dança para pessoas portadoras de deficiência visual, na perspectiva de uma abordagem fenomenológica.

Coletamos os discursos de três sujeitos, sendo eles, alunas da PUC-Campinas. Elas desenvolvem um trabalho de Dança há vários anos e diversos estilos já fizeram parte do conteúdo aprendido até então.

A partir dos discursos coletados, discursos estes orientados por nossa interrogação: "*O que é isto, vivenciar a Dança para você?*", trilhamos nossos entendimentos e reflexões em busca de compreender o significado da Dança para estes corpos que dança com outros olhares, com seus próprios olhares.

Chegamos a algumas questões, as quais apresentamos através de discussões que denominamos de: o *corpo coletivo* e o *corpo individual*. O corpo coletivo levantando reflexões a respeito do corpo social e cultural, as experiências vividas em sociedade, com o mundo e o próximo. O corpo individual trazendo entendimentos do crescimento e busca das vivências pessoais. Estas categorias se abraçam e trilham caminhos juntos, convergem e divergem a todo momento.

Assim, coerentes aos fundamentos da pesquisa fenomenológica, buscamos encontrar uma perspectiva particular, em um dado momento; olhamos para o fenômeno situado vislumbrando aprofundar na essência deste universo.

Sumário

I. Introdução.....	1
II. Sobre a Deficiência Visual	4
III. A Dança como Expressão do Homem	8
IV. O Fenômeno	13
V. O Método.....	14
V.1. Eis a Questão	17
V.2. Os Sujeitos	18
V.3. A Coleta de Dados.....	19
V.4. Os Próximos Passos.....	20
V.4.1. A Descrição.....	20
V.4.2. A Redução	20
V.4.3. A Compreensão (ou Interpretação).....	21
V.4.3.1. Análise Ideográfica.....	21
V.4.3.2. Análise Nomotética.....	22
VI. Análise dos Dados	23
VII. Conversando sobre os Resultados	43
VII.1. O Corpo Coletivo	44
VII.2. O Corpo Individual.....	47
VIII. Conclusão	49
IX. Bibliografia	50

*"DENTRO DE NÓS HÁ UMA
COISA QUE NÃO TEM NOME,
ESSA COISA É O QUE
SOMOS."*

JOSÉ SARAMAGO

I. Introdução

Temos percebido nestes últimos anos uma crescente busca e tentativa de se melhorar a qualidade de vida das pessoas portadoras de deficiências.

Os investimentos ainda são pequenos se consideramos que 10% da população mundial é portadora de alguma deficiência¹. A participação dessas pessoas na sociedade vem rompendo com paradigmas que se mantiveram ao longo da história. Segundo Bieler (1990), até os meados dos anos 70, a questão da deficiência no Brasil era encaminhada por técnicos ou pessoas responsáveis pelo assunto: "os especialistas" da área. A tônica das reivindicações giravam e se firmavam no paternalismo, no assistencialismo e na tutela.

Desta forma, que a compaixão ocupou os lugares da rejeição e da exclusão, mas ainda hoje percebemos estas posturas impregnadas na sociedade em geral. As atividades filantrópicas e protecionistas perduram ainda hoje, porém, podemos constatar que nas últimas décadas deste nosso século, registram-se consideráveis avanços frente a situação da pessoas portadoras de deficiência na sociedade. A igualdade e o exercício de seus direitos se ampliaram em todos aspectos: legais, políticos, educacionais, culturais e sociais. A sociedade hoje

¹ Dado fornecido pela OMS (Organização Mundial da Saúde).

melhor se organiza para conquistar seu espaço.

As dificuldades das pessoas portadoras de deficiência em participar das atividades como um todo: trabalho, escola, lazer, entre outros, na maioria das vezes, parte não da própria pessoa, mas sim das diversas dificuldades encontradas na sua vida: a falta de oportunidades, os espaços adequados, profissionais preparados, enfim, um espectro de possibilidades que lhe dê condições adequadas e igualitárias.

Na área da Dança, este quadro também pouco se diferencia, existem muitos pré-conceitos e poucas oportunidades nesta área.

No ano de 1993, começamos a trabalhar na área da Educação Física Adaptada². Diante desta experiência, nos percebemos frente a um mundo desconhecido e intrigante.

No decorrer do ano, nos aproximamos e debruçamos sobre a turma de pessoas portadoras de deficiência visual³. Este encontro nos foi como um novo olhar, começamos a redescobrir novas e/ou diferentes maneiras de se conceber o habitual.

A Dança, que então conhece seu referencial nas imagens, nos reflexos do mundo através dos movimentos, começou a desvendar, para nós, outros olhares para os sentidos, para o nosso sentir como aquela experiência.

² Começamos como monitora junto ao projeto "Atividade física e esportes para pessoas portadoras de deficiências" oferecido pelo departamento de Estudos de Atividades Física Adaptada da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

³ Esta turma, sob a orientação do Prof. Dr. José Júlio Gavião, que gentilmente nos aceitou no grupo. Era formada por alunos adultos e com diferenciadas experiências motoras, experimentamos assim diversas vivências corporais como: caminhadas, iniciações esportivas, Dança, Ginástica básica, Ginástica artística.

Nós dependemos dos sentidos para compreender os conceitos e a partir da linguagem que formamos estes conceitos, como poderia uma pessoa cega elaborar e criar uma dança sem o referencial do mundo que conhecemos e entendemos? O que significaria para ela este mundo particular?

Desta forma que nos inundamos de pensamentos, de sensações, de sentimentos, até que a forma começou a revelar seu conteúdo. Foi na fenomenologia⁴ que encontramos novas possibilidades de revelar os mistérios que se apresentavam. Desta forma, nos debruçamos sobre o fenômeno do corpo que dança, do significado da dança para a pessoa portadora de deficiência visual.

Para aprofundarmos na essência do fenômeno, nos orientamos com a seguinte interrogação: *O que é isto, vivenciar a dança para você?* Desta maneira, a partir de suas próprias experiências, de seus próprios discursos, de seu próprio mundo referente, que nossas reflexões começaram a se fazer sentir.

Nossos conceitos se movimentaram, nossos olhares sobre os olhares daqueles que vêem com os olhos dos outros sentidos, aos poucos cresceu e se transformou, se fez presente e então modificou nossas perspectivas de compreender a dança. O corpo que dança diferente de nossos olhos, trouxe um significativo mundo de sentidos recuperando as texturas fragmentadas pela vida que perde o sentido quando não percebemos os outros sentidos.

⁴ No ano de 1995, através da Prof^a. Dr^a. Silvana Venâncio iniciamos no grupo de estudos sobre Fenomenologia na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, sob a coordenação também do Prof. Dr. Wagner Wey Moreira.

II. Sobre a Deficiência Visual

"O olhar deseja sempre mais do que lhe é dado a ver."

Adauto Novaes (1988:9)

Os sentidos significam a compreensão nossa do mundo, e sem eles não há maneira de percebê-lo. Eles definem os limites da nossa consciência. A visão representa a sensibilidade mais utilizada para nossas referências e relações com o mundo, e os indivíduos portadores de deficiência visual estão privados desta sensibilidade, parcial ou totalmente.

Melo (1986) caracteriza a deficiência visual como perdas parciais ou totais da visão, que após correção óptica ou cirúrgica limitam o seu desempenho normal. O mesmo autor, revela que na estimativa feita pela ONU (Organizações das Nações Unidas), uma em cada dez pessoas pelo menos, possui algum tipo de deficiência, sendo que aproximadamente 0,7% da população mundial é portadora de deficiência visual. No Brasil faltam pesquisas que nos revelem dados mais precisos a respeito. Baseando-nos nos dados da ONU, podemos supor que existem um número alto de pessoas portadoras desta deficiência no Brasil, e a veiculação de informações sobre esta questão ainda é insatisfatória, em se tratando da sociedade como um todo.

Os indivíduos portadores de deficiência visual experimentam vivências corporais limitadas, devido ao impedimento sensitivo básico para o movimento. Segundo Bobath (1978), a visão é o sentido que mais nos oferece informações, sendo fator dominante em nossas reações motoras, porém sua expressão não significa estar desprovida de subjetividade e complexidade pela falta desta referência.

A época de instalação do déficit sensorial é fator importante na formação e elaboração do seu engrama mental. Este indivíduo poderá ter perda total ou parcial da visão, sendo sua deficiência de caráter *congénito* ou *adquirido*. Com perda *congénita*, não ocorrerá formação de imagens que ficariam engramadas na memória; já nos indivíduos portadores *adquiridos*, as imagens estarão presentes independente da perda posterior.

Garcia de La Torre (1968) aponta que um homem privado da visão, haverá que recorrer ao exercício de outros sentidos para defender a própria existência.

Hall (1981) ressalta ser a visão a responsável pela maioria das informações por nós recebidas, sobretudo nos primeiros anos da vida, já que o nosso mundo é visualmente objetivo. Este mesmo autor salienta ainda que a ausência da visão, tanto quanto a ausência da audição, limita a capacidade de aprender.

Hugonnier (1989) diz que a criança cega estará ameaçada por grave retardamento psicomotor. Ela deverá ser favorecida com cuidados em se tratando do conhecimento do seu ambiente, suprimindo a falta da visão pelas sensações táteis e auditivas, olfativas e gustativas, assim como também uma cuidadosa atenção em relação ao seu sistema vestibular, cinestésico e térmico.

Já Münster (1991) revela a vivência realizada através da adaptação de jogos e brinquedos para pessoas portadoras de deficiência visual, possibilitando maior experiência cognitiva, como também facilitando a sua integração com o grupo vidente⁵.

Nabeiro (1992) retrata comprometimentos típicos conseqüentes à falta da visão: defasagem do desenvolvimento motor, locomoção insegura, pouco controle e consciência corporal, desvios posturais, expressão pobre, inatividade, movimentos estereotipados.

Considerando alguns trabalhos específicos na área de Dança, vemos as reflexões feitas por Duggar (1968), revelando que as crianças adoram explorar os movimentos. A idéia de fazer desenhos no espaço com o corpo poderá abrir um mundo excitante para as crianças cegas.

Morrisson (1971) relata a experiência de aprendizado da Dança Rock and Roll por jovens cegos na comunidade de Seattle. Apresenta como uma rica vivência, que teve resultados devido a possibilidade de integração do jovem cego em seu contexto sócio-cultural, como também uma ótima oportunidade de aceitação e entendimento do deficiente visual como participante da sociedade em geral.

Gândara (1992) destaca a importância do trabalho com a Dança, ritmo e música com crianças portadores de deficiência visual, sendo que estas experiências influem nas combinações dos seus movimentos diários, facilitando a sua auto-expressão, comunicação dos sentimentos, sua independência e

⁵ Nome usado pela autora citando pessoas que possuem a visão.

locomoção.

A atividade corporal é fundamental para nós, são nossas experiências do mundo e de nós mesmos. É a maneira de sermos e como desabrochamos. Segundo Moraes (1992), somos um corpo como forma de presença no mundo, e isto diz tudo, o que dividimos no homem são apenas categorias de força didática.

Para a pessoa portadora de deficiência visual, as experiências corporais não seriam diferentes, sim diferenciadas, cada experiência vivida testemunha seu tempo, poderá ser uma tatuagem das sensações do mundo. Nietzsche já revelava que se o corpo não souber, não existiria sabedoria possível a saber. Assim, que o nosso corpo exala o viver do homem.

Apesar de hoje, mais do que nunca, privilegiar-se o intelecto como parte fundamental e distinta do corpo, nos é urgente repensar sobre estas fragmentações, sobre a falta de se dar sentido aos sentidos, assim poderemos encontrar maneiras mais humanas de lidarmos com nossos alunos ou com o próximo. Como nos seria possível expressar qualquer desenho sem as mãos que o sente?

"Cada corpo dispõe de um jeito de olhar que lhe é próprio e essa particularidade condiciona também sua visibilidade como corpo diferente dos outros."

(Leyla Perrone-Moisés, 1988:327)

III. A Dança como Expressão do Homem

"A própria palavra "dança", em todas as línguas européias – danza, dance, tanz –, deriva da raiz "tan" que, em sânscrito, significa "tensão". Dançar é vivenciar e exprimir, com o máximo de intensidade, a relação do homem com a natureza, com a sociedade, com o futuro e com seus deuses."

(Roger Garaudy, 1980:14)

A Dança existe enquanto expressão intrínseca do homem. Através dos tempos, observamos mudanças nas suas relações com a natureza, com a sociedade e com o próprio indivíduo; porém a condição básica de sua existência é ser uma maneira de expressão e comunicação que utiliza o corpo como linguagem fundamental, como linguagem primeira.

Portinari (1989) relata ser a Dança a mais antiga das Artes e o homem carrega-a dentro de si desde tempos imemoriais.

Foi através dos ritos, do seu significado mítico, que os grupos celebraram suas crenças; segundo Boucier (1987) durante a pré-história, a Dança foi considerada um ato sagrado. Nesta época encontraram nela a forma de expressar

A civilização grega também é impregnada de Dança. Foi abordada por Platão, Sócrates e pelos Pitagóricos como meio de formação do cidadão integral e eterna fonte de saúde. Essa época é refletida por um ideal de corpo. O corpo é concebido como fonte de se alcançar beleza, harmonia e perfeição.

Durante a idade média cristã, a Dança se transformou em divertimento e neste contexto evoluiu a Dança espetáculo que o mundo ocidental conhece. Portinari (1989) diz ser nesta época, que a vida pública conheceu a interferência preponderante do cristianismo, em todos os setores. A autoridade eclesiástica impôs seus dogmas. Na Dança, a igreja não conseguiu apagar os costumes populares, favorecendo uma dúbia relação de tolerância e condenação. Em seus cultos tentou canalizá-la, trazendo-a sob um invólucro de dominação.

A Dança da Corte surgiu na Itália, durante o século XIV. Boucier (1987) a descreve como cerimoniais da Corte, que representa o entretenimento da aristocracia. A Dança da Corte muito bem retrata o período histórico vivido pela sociedade na época; a moda, a música, as artes plásticas, enfim, hábitos e valores da época.

O Renascimento, durante o século XV, marca a fase onde se inicia a codificação da Dança Clássica. Portinari (1989) aponta este período como um florescimento nas Artes, uma revolução no pensamento e na Estética. Pronuncia-se a ostentação e o conforto. Músicos, pintores, escultores são disputados pela requintada nobreza.

A mesma autora define a Revolução Francesa, final do século XVIII, como um marco na transição da Dança-divertimento para uma Dança mais teatral. No

romantismo o reinado é da Valsa, contemporânea a Goethe e a Strauss. Este movimento dá vazão a imaginação, que supera o lugar da razão. Esta fase se finda com a entrada do século XX, onde se inicia o momento da busca da autenticidade.

A Dança Moderna nasce em meio a uma sociedade industrializada, advinda da Revolução Industrial, e se apresenta determinada a romper com modelos e padrões estabelecidos pelos conceitos mecanicistas vigentes na indústria.

Garaudy (1980) reflete que a Dança Moderna somente é aferida, por uma visão "sistemática", que a situe na estrutura global e dinâmica da sociedade e que pergunte o papel que representa na criação de uma harmonia entre homem, natureza e sociedade.

Vale ressaltar que a importância do surgimento da Dança Moderna, está intimamente ligado a uma real revolução estética e formal, como cita Mendes (1985). Significa uma ruptura às formas acadêmicas e clássicas, aos códigos estabelecidos, porém não significa uma desvalorização da Dança Clássica. Esta, entendida no contexto que emergiu, justifica bem, tanto a sociedade que espelhou, como os valores e conceitos que adquiriu.

A sociedade moderna é marcada pelo modelo da "produtividade". A crença vitoriana e o pensamento higienista que dominou o século XIX é rompido pelas Artes Modernas, que imprime novos impulsos às estruturas vigentes.

A Dança Moderna renega a concepção romântica contemplativa e deleitiva, ilustrando um novo período dialético. Coloca em questão postulados estéticos, se pronuncia não como evasão de uma sociedade, mas procura enfrentar o caos,

recriando uma nova ordem, um paradigma que nos influencia ainda hoje.

Rudolf von Laban viveu no período de 1879 a 1959 e é considerado pioneiro na Dança Moderna por seus estudos realizados a respeito do movimento. Almejou construir uma ciência para a Dança, deixando uma série de pesquisas a respeito. Surgiu na chamada escola alemã, assim denominada por Boucier (1987), influenciado pelo Dalcronismo.

"A Arte Moderna ensina-nos a deixar a tradição, isso deve nos ensinar a romper com a tradição da Arte Moderna" dizeres de Dieter in Sevcenko (1988). Esta reflexão nos serve de base para introduzir novos pensamentos a respeito da Dança Moderna, como também novos conceitos em relação a pessoas portadores de deficiência visual e relações que se entrelaçam.

A partir dos anos 50 deste século, com a criação da bengala de Hoover, o indivíduo portador de deficiência visual passou a ser mais respeitado, visto que esta lhe possibilitou maior independência, facilitando-lhe o acesso e a locomoção. Este fato influiu diretamente no seu acesso ao mercado de trabalho, ganhando assim um lugar mais expressivo em todos os setores da sua vida.

O movimento é a forma de relação do homem com o mundo, mas cada movimento somente terá significado se estiver em harmonia com a experiência pessoal de quem o realiza.

"A idéia de corpo não pode conter apenas as sabedorias da anatomia, da fisiologia ou da bioquímica. O corpo é o ponto de referência em relação ao qual cada coisa toma seu lugar e torna-se situada. Neste situ (Lugar), é o eu-corpo que dá sentido às coisas."
(VENÂNCIO, 1994:130)

O indivíduo portador de deficiência visual experimenta vivências corporais

diferenciadas, principalmente através da Dança, pois essa mantém seu referencial nas imagens, nos espelhos, nas imitações e repetições.

As referências por nós tiradas do mundo das imagens, nos oferecem parâmetros significativos na maneira pela qual o compreendemos. Nossos modelos e padrões são em grande parte estabelecidos a partir de uma realidade visual. Na Dança as imagens nos possibilita estabelecer relações concretas de maneira tridimensional, ou seja, o significado das coisas possui uma enorme carga de abstração. O indivíduo portador de deficiência visual se relaciona com a bidimensionalidade dos fatos.

A Dança tem sua própria expressão na vida dos homens, é intrínseca a ela. Para a pessoa portadora de deficiência visual se apresenta apenas diferenciada na sua forma de expressar e interpretar os movimentos, de compreendê-la no contexto de suas vivências. Para nós, não nos basta reconhecer este grupo como sendo parte de uma cultura. É preciso que sejam abertos canais de comunicações para trocas de experiências e integrações, que nos reflitam ações mais críticas e criativas de crescimento mútuo, que se respeite acima de tudo, o ser humano.

"... e que se desperte o desejo permanente de investigação perante a Dança e a Arte que, para mim, se confundem com a vida..."

(Klauss Vianna, 1990:9)

IV. O Fenômeno

A compreensão do significado da Dança para pessoas portadoras de deficiência visual.

V. O Método

A partir do século XX, novas perspectivas em relação as ciências humanas tomaram caminhos diferenciados e abriram novo espectro de possibilidades para a pesquisa científica. As questões humanas solicitaram um maior entrosamento em relação as suas condições com o mundo, apenas os fatos passaram não mais responder a da relação do homem com o ambiente, com a natureza, com o outro, enfim, foi necessário e emergente o surgimento de uma ciência que interagisse com um pensamento filosófico.

"A visão do homem no mundo da ciência, na segunda metade do séc. XIX, foi determinada pela ciência positiva, cega a sua própria prosperidade. Isso significa um afastamento das questões que são decisivas para a humanidade. A ciência concentrada no fato construiu homens fatuais. A mudança na opinião pública era inevitável, especialmente após a II guerra mundial. Sabemos que essa opinião se tornou gradualmente hostil entre os jovens da nova geração, para quem a ciência fatual nada tem a dizer aos homens. Essa ciência exclui, em princípio, as questões referentes ao homem e a sua existência." (MARTINS e BICUDO, 1989:17)

O que percebemos são dimensões diferenciadas em relação ao que seja fazer uma pesquisa científica. assim o positivismo concebeu a ciência se baseando em pressuposições, em fatos e predizendo os desconhecidos dados, porém necessário em se tratando da época que surgiu, bem como, importante a

contribuição a que se dedica. Segundo MARTINS e BICUDO (1989), o significado do conhecimento para o positivismo é definido como "*aquilo que as ciências fazem*".

O aparecimento do pensamento fenomenológico veio preencher uma outra lacuna a qual abordaria as ciências humanas à luz de outros contextos, e, sobretudo, no séc. XX, se configura um descompasso que veio ressurgir e reorganizar o pensamento entre a filosofia e as ciências humanas.

"É necessário mostrar que a ciência é possível, que é possível a ciência do homem e que todavia a Filosofia é possível. É preciso, principalmente, fazer cessar a divergência entre filosofia sistemática e saber progressivo ou ciência." (Merleau-Ponty, 1973:16)

Quase um século após os pensamentos de Husserl, **considerado o fundador da fenomenologia no sentido moderno** (Merleau-Ponty, 1973), se discutem ainda questões do que seja a fenomenologia.

Na visão de Merleau-Ponty (1994), a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade"⁶. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso para compreender as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "alí", antes da reflexão, como uma

⁶ O prof. MARTINS (1992) elucida o termo da "facticidade" para fenomenologia, segundo ele é uma maneira de ser-no-mundo, sujeito às contingências como um ser que é lançado ao mundo, mundo que o precede e alcança, no qual o homem, ao ver-se como tal, precisa lutar para encontrar-se.

presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico.

A pesquisa qualitativa trouxe a diferenciação e a compreensão de uma nova postura científica, e busca o significado dos fenômenos e não dos fatos, porém não sugerimos como tal um juízo de valor em relação a pesquisa quantitativa, pois esta também se aplica quando necessário a uma abordagem fenomenológica.

O fenômeno, segundo MARTINS e BICUDO (1989), vem da expressão grega "faino-menon" e deriva-se do verbo "fainestai" que quer dizer "mostrar-se a si mesmo". Assim, "fainomenon" significa aquilo que se mostra, que se manifesta.

Desta maneira, o enfoque fenomenológico busca uma compreensão dos fenômenos se atendo particularmente ao que se pretende desvelar, o foco centrado ao fenômeno que se manifesta na sua essência.

Na perspectiva fenomenológica, a relação do pesquisador com a pesquisa eleita depende da sua "**intuitividade**" e "**habilidade**" de pesquisador.

"O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam uma unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha." (MERLAU-PONTY, 1994:18).

A partir do momento que o fenômeno se revela aos nossos olhos, embuído da instrumentalização necessária e pertinente, nos colocamos "**intuitivamente**" e "**habilidosamente**" a favor do fenômeno na perspectiva de nosso olhar.

O nosso olhar para o fenômeno em questão foi buscar compreender o

significado da Dança para a pessoa portadora de deficiência visual, um enfoque fenomenológico na modalidade de pesquisa: *Análise da Estrutura do Fenômeno Situado*.

O suporte fenomenológico se aplicará a pesquisa qualitativa, a fim de se chegar ao instrumento de investigação citado.

"A pesquisa qualitativa, segundo esta abordagem, precisa de início, situar o fenômeno. Isso quer dizer que só há fenômeno psicológico enquanto houver um sujeito no qual ele se situa... Há sempre um sujeito, uma situação, vivenciando o fenômeno. Por vivência é entendido, também, experiência, mas é a experiência percebida de modo consciente por aquele que a executa..."

Possui características, construtivas, como tempo em que se realiza, impressões, duração, está sempre sendo dirigida para alguma coisa, nunca é estática, há sempre uma relação entre o fenômeno que se mostra e o sujeito que experiencia. A consequência dessa experiência é sempre intencional." (MARTINS e BICUDO, 1989:75)

V.1..Eis a Questão

Ao se realizar a pesquisa qualitativa segundo esta modalidade de investigação, *Análise da Estrutura do Fenômeno Situado*, há que se ter cuidados com algumas particularidades.

Fazer uma pesquisa orientada pela fenomenologia, segundo MARTINS e BICUDO (1989:76) significa **reavivar** o fenômeno ou tornar vivo o espírito, **tematizar** ou dissertar sobre o assunto e **compreender eideticamente**⁷ ou tornar o objeto a ser compreendido na sua intenção total.

⁷ "Eidético" se refere à essência do fenômeno (MARTINS e BICUDO, 1989).

A partir do momento que se pronunciou nossa trajetória, já estávamos nos movimentando ao encontro do fenômeno, mas somente nas etapas percorridas desvendamos a essência do fenômeno.

Nossas conversas com as pessoas portadoras de deficiência visual, nossa experiência de trabalhar com esta clientela, nos levou a tematizar o que seria o significado da Dança para eles, a partir de seus próprios referenciais mas, levando-se em conta, também, nossa experiência da área. Assim, chegamos a interrogação: *"O que é isto, vivenciar a Dança para você?"*

Nossa proposta com esta investigação foi tentar compreender o significado da Dança para pessoas que portam deficiência visual, nos preocupando em não hipotetizar dados e sim ter em vista uma perspectiva do fenômeno em sua essência, ou seja, a revelação de uma figura-fundo, ter em foco o fenômeno - figura: o significado da Dança para a pessoa portadora de deficiência visual, mas sem deixar de perceber a perspectiva do fundo, que são as reflexões a respeito da Dança, da Educação Física adaptada em contexto da corporeidade do homem.

Não haverá pesquisa se não se houver uma situação e alguém interrogando. A interrogação nos aproxima do fenômeno. Sempre que houve um olhar, será necessário existir um interrogador tentando desvendar um fenômeno.

V.2. Os Sujeitos

Esta pesquisa se dirigiu a pessoas portadoras de deficiência visual, adultos, de ambos os sexos e que estivessem vivenciando atualmente a prática da Dança nas suas vidas, seja esta de forma amadora ou profissional.

Foram contatados três alunos da PUC Campinas que fazem aulas de Dança junto ao CIAD⁸. Estes sujeitos se dispuseram a participar da entrevista, bem como autorizaram a exposição de nossas análises neste trabalho.

À luz da proposta, não nos preocupamos em distinguir o tipo de deficiência visual, ou seja, entre congênito⁹ e adquirido¹⁰. Para nós, revelamos as suas experiências vividas no presente momento com a dança, independentemente também do estilo de Dança. O nosso olhar esteve orientado para o corpo que dança, corpo que dança com outros olhares, revelando um universo percebido pelo próprio sujeito em questão, através de seus próprios discursos.

V.3. A Coleta de Dados

Os discursos foram coletados pela pesquisadora em gravação, registrados em fitas magnéticas (K7) e mini-gravador (AIWA).

Nos deslocamos aos locais onde os sujeitos realizavam suas aulas de Dança, mantivemos um convívio com os alunos e professor responsável através da participação das suas aulas. Estes foram breves contatos, porém importantes para estabelecermos um entrosamento afetivo com os sujeitos.

Cada aluno foi individualmente abordado e através da interrogação, obtivemos seus depoimentos espontaneamente. Nossa proposta foi explanada e suas respostas gravadas, coube ao aluno autorizar a utilização do seu discurso para análise. Reafirmamos que todos os sujeitos autorizaram a utilização do

⁸ CIAD - Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente.

⁹ Congênito - deficiência visual (parcial ou total) adquirida antes dos 5/6 anos de idade.

¹⁰ Adquirido - deficiência visual (parcial ou total) adquirida depois dos 5/6 anos de idade.

material gravado.

V.4. Os Próximos Passos

Segundo MARTINS (1992), três momentos representam a perspectiva fenomenológica de pesquisa: 1º momento: Descrição

2º momento: Redução

3º momento: Compreensão (ou interpretação)

Estes momentos são entendidos na abordagem fenomenológica como flexíveis possibilidades, eles caminham alienadamente, vão e voltam o quanto for necessário.

V.4.1. A Descrição

A descrição é o recurso inicial e básico na pesquisa fenomenológica. O ato de descrever é considerado como fundamental.

Ao descrevermos um discurso, revelamos todo conteúdo, inclusive o emotivo embutido no objeto descrito, devemos facilitar o melhor possível o reconhecimento do objeto estudado.

"A descrição não comporta um estilo literário ou classificação por assuntos ou por estados emocionais. Ela fala de coisas e das situações e circunstâncias que as rodeiam. Não há normas severas, lista de palavras ou de sentenças que devam ser usadas para descrever." (MARTINS e BICUDO, 1989: 48)

V.4.2. A Redução

Nesta fase da pesquisa, o fenômeno começa a se apresentar, devemos desmontá-lo em partes e então reestruturá-lo após, tomando o cuidado de não transformá-lo em apenas soma de partes.

"O objeto deste momento na trajetória fenomenológica é determinar, selecionar quais as partes da descrição que são consideradas essenciais e aquelas que não o são. Em outras palavras, deseja-se encontrar exatamente que partes da experiência são verdadeiramente partes da nossa consciência, diferenciando-as daquelas que são simplesmente supostas. O propósito deste segundo momento é isolar o objeto da consciência – as coisas, as pessoas, as emoções ou outros aspectos que constituem a experiência que estamos tendo. (MARTINS, 1992:59)

Neste momento, após os sujeitos terem discursados sobre suas experiências, começamos a selecionar o que faria parte de nosso próprio mundo, nossas vivências com a Dança e a pessoa portadora de deficiência visual. Assim, selecionamos e discriminamos as unidades de significativos que foram aos encontro do nosso universo.

V.4.3. A Compreensão (ou Interpretação)

V.4.3.1. Análise Ideográfica

A análise ideográfica tenta identificar as partes, as características e as idéias das reduções, traçando um perfil de cada sujeito da pesquisa.

"A análise ideográfica refere-se ao emprego de ideogramas, ou seja, de representações de idéias por meio de símbolos. Efetivamente, trata-se da análise da ideologia que permeia as descrições ingênuas do sujeito." (MARTINS e BICUDO, 1989:100)

A partir que os discursos ingênuos dos sujeitos se transformam em universos mais próprios, nos aproximamos da ideologia que enlaça-os. O fenômeno começa a se iluminar para nós.

V.4.3.2. Análise Nomotética

O enfoque nomotético trata-se de se criar uma compreensão, uma interpretação do fenômeno geral. Neste instante, questiona-se o momento apresentado.

"Esse empreendimento envolve uma compreensão dos diversos casos individuais como exemplos de algo mais geral e a articulação desses casos individuais, como exemplos particulares, em algo mais geral. A estrutura psicológica geral é a resultante da compreensão das convergências e das divergências que se mostram nos casos individuais." (MARTINS e BICUDO, 1989:106)

VI. Análise dos Dados

Sujeito nº 1

O que é isso, vivenciar a Dança para você?

Há, sei lá. **[(1) Eu gosto de Dançar.]** assim...

Não é igual a ...

Há sei lá...

Há, **[(2) porque eu gosto de dançar assim, eu gosto mas, assim, o que significa para mim eu não saberia explicar]**

Há, não sei como explicar.

Há, mas não saberia explicar para você.

Sei lá, assim, **[(3) porque desde pequena, assim, eu sempre gostei quando comecei a dançar, sempre achei legal]**, assim eu acabei... (risos) mas, agora, a pergunta (risos).

[(4) Desde pequena eu gosto, mas porque que eu gosto, sei lá...]

[(5) Nunca parei para pensar sobre isso, daí.]

Sujeito: N°1

Unidades de significado	Redução fenomenológica
1) Eu gosto de dançar	1) Gosta de dançar.
2) Porque eu gosto de dançar assim, eu gosto mas, assim, o que significa para mim eu não saberia explicar.	2) Gosta de dançar, mas não sabe explicar o que significa.
3) Porque desde pequena, assim, eu sempre gostei quando comecei a dançar, sempre achei legal.	3) Gosta e acha legal (a dança) desde pequena.
4) Desde pequena eu gosto, mas porque eu gosto, sei lá...	4) Gosta desde pequena mas não sabe porque gosta.
5) Nunca parei para pensar sobre isso daí.	5) Nunca parou para pensar sobre o assunto. (vivenciar a dança)

Sujeito: N°1

Convergências no discurso	Unidades de significado interpretadas
O gostar de dançar 1. Gosta de dançar (1) Gosta de dançar, mas não sabe explicar o que significa (2) Gosta e acha legal (a dança) desde pequena (3) Gosta desde pequena mas não sabe porque gosta (4) Nunca parou para pensar sobre o assunto (vivenciar a dança) (5)	O gostar de dançar 1. Gosta de dançar e desde pequena acha legal mas nunca parou para pensar sobre o assunto.

Análise Ideográfica:

Sujeito 1

O sujeito N°1 gosta muito de dançar, desde pequeno vivencia e acha legal mas nunca parou para pensar sobre o significado desta vivencia para ele.

Sujeito nº 2

O que é isso, vivenciar a Dança para você?

Bom, quando eu entrei, né, para fazer dança com a X., assim, a gente: eu, a Y., todas que entraram, né, naquela época, assim, a gente tinha uma noção de espaço muito pequena né, geralmente os deficientes que não tem corpo trabalhado, tem uma postura que eles vão adquirindo, que eles acho que acham que é a certa e fica aquela postura, ou com a cabeça baixa ou anda muito assim robotizado, entendeu? Não é aquele andar solto, aquela coisa, e **[(1) eu acho que a Dança, desde que eu comecei a fazer, o que ela colaborou na minha vida e colabora até hoje é isso, entendeu, dá mais soltura no corpo], [(2) maior postura], [(3) maior noção de espaço], [(4) maior segurança para andar mesmo], [(5) eu tô fazendo locomoção agora, e a professora falou que, se fosse ver bem, eu nem precisaria, porque a noção que eu tenho de espaço, de limite, de esquerda, de direita, é muito boa, não querendo falar que eu sei muito, mas, é porque eu tenho o corpo trabalhado, é exatamente por isto que eu tenho essa noção], né? [(6) e eu acho assim, parar para mim vai ser uma coisa muito ruim] porque sabe, [(7) é uma coisa que vai acompanhando a gente, assim, que nem quando eu entrei, eu não andava normalmente], assim..., que automaticamente quando você anda, você equilibra o balanço dos braços, a X. trabalhou isso com a gente desde que a gente entrou, postura, como que se senta não é com a cabeça baixa, entendeu? **[(8) Você pode até observar que eu, a Y. e a W., a gente tem uma postura normal, e se você pegar um outro deficiente que nunca teve o corpo trabalhando, o comportamento é****

diferente, né? Porque, muda mesmo, a dança vai mexendo], vai... **[(9) sabe, eu adoro dançar]**, é assim, minha mãe fala, né: — "aí, se eu pudesse, eu ia mudar para uma cidade mais sossegada". Eu falo: — "aí, não mãe, porque, a se eu sair daqui, não sei, tudo que eu adquirir, não que vai por água a baixo, mas vai ficar ali, estabilizado, em vez de evoluir, né? **[(10) porque quanto mais você vai trabalhando, mais vai evoluindo a postura, vai mudando, né? para mim, a dança é isso, sabe?]** **[(11) ela ajuda muito, principalmente para gente que não enxerga]**, **[(12) a dança é... acho que todo deficiente deverá dançar, deveria trabalhar o corpo, para viver normal como as outras pessoas]**, né, que nem a X. falou..., uma vez a gente foi dançar na escola de cadetes, e eu desci, minha mãe parou, eu desci do carro e fui andando até onde estava o carro dela (X.), quer dizer, ela falou, se eu não soubesse que a K. não enxerga, eu nem ia perceber, mas porque, **[(13) porque eu tenho uma postura normal, de uma outra pessoa qualquer, mas custa, entendeu? e é através da dança que a gente vai adquirindo isso, né?]** Através de todo trabalho que ela vai desenvolvendo, que a X. vai desenvolvendo, a gente chegou aí, entendeu? neste estágio, eu acho que, sei lá, **[(14) eu adoro dançar.]**

Há, acho que poderia fazer uma pequena conclusão, **[(15) vivenciar a dança, quer dizer, você viver praticamente]**, né? porque você... que nem eu tenho uma amiga, né, que até ela parou de dançar, fazia uns dois que a gente tava, dois anos ou três, não sei, não lembro exatamente a data, e ela já está com uma postura totalmente errada de novo, porque, sabe? A mãe, o pai, até tentam corrigir, **[(16) mas eu acho assim, automaticamente a dança se ela já tá**

trabalhando seu corpo, ela já está corrigindo esses defeitos] que a gente às vezes tem, eu não sei, eu acho que a dança, não só a dança, é o trabalho da X. que, nesse trabalho já tá incluindo, entendeu, corrigir postura, é mostrar mesmo que... que nem a gente tá dançando um funk agora, **[(17) no começo por exemplo, a gente dançava a música mais mecanizada, porque a gente não tinha soltura no corpo, depois já foi passando para adágio que é para a gente aprender a ter leveza na mão, leveza sabe, depois coordenação motora, para gente ter uma boa coordenação, agora funk, o que que ela quer com funk, com samba, que a gente tenha aquela soltura no corpo, aquela ginga e cada vez vai aperfeiçoando mais, né? Eu já cheguei até fazer ginástica olímpica, quer dizer, vai cada vez evoluindo mais o processo],** assim, acho que assim não tem mais nada para falar.

Sujeito: N°2

Unidades de Significado	Redução fenomenológica
1) Eu acho que a dança, desde que eu comecei a fazer, o que ela colaborou e colabora até hoje é isso, entendeu, dá mais soltura no corpo.	1) A dança colabora para dar mais soltura ao corpo.
2) Maior postura.	2) Para dar maior postura.
3) Maior noção de espaço.	3) Para dar maior noção de espaço.
4) Maior segurança para andar mesmo.	4) Para dar maior segurança no andar.
5) Eu tô fazendo locomoção agora, e a professora falou que se fosse ver bem eu nem precisaria, porque a noção que eu tenho de espaço, de limite, de esquerda, de direita, é muito boa; não querendo falar que eu sei muito, mas é porque eu tenho o corpo trabalhado, é exatamente por isso que eu tenho essa noção.	5) Tem o corpo trabalhado com a dança, por isto tem boa noção de espaço, de limite, de esquerda, de direita, nem precisaria fazer aulas de locomoção.

6) Eu acho assim, parar para mim vai ser uma coisa muito ruim.	6) Parar (de dançar) vai ser uma coisa muito ruim.
7) É uma coisa que vai acompanhando a gente, assim, que nem eu quanto entrei, eu não andava normalmente.	7) A dança vai acompanhando o desenvolvimento do aluno.
8) Você pode até observar que eu, a Y., e a W., a gente tem uma postura normal, e se você pegar um outro deficiente que nunca teve o corpo trabalhado, o comportamento é diferente né? Porque muda mesmo, a dança vai mexendo.	8) A dança vai mexendo com a postura e deficientes que nunca tiveram o corpo trabalhado, tem o comportamento diferente.
9) Sabe, eu adoro dançar.	9) Adora dançar.
10) Porque quanto mais você vai trabalhando, mais vai evoluindo a postura, vai mudando né? Pra mim a dança é isso sabe?	10) O trabalho constante com dança, vai mudando e evoluindo a postura.
11) Ela ajuda muito, principalmente pra gente que não enxerga.	11) A dança ajuda muito quem não enxerga.
12) A dança é..., acho que todo deficiente devia dançar, devia trabalhar o corpo, pra viver normal como as outras pessoas.	12) Todo deficiente deveria dançar, para viver normal como as outras pessoas.
13) Porque eu tenho uma postura normal, de uma outra pessoa qualquer, mas custou entendeu? E é através da dança que a gente vai adquirindo isso.	13) Adquiriu através da dança uma postura normal.
14) Eu adoro dançar.	14) Adora dançar
15) Vivenciar a dança quer dizer você viver praticamente né?	15) Vivenciar a dança quer dizer viver.
16) Mas eu acho assim, automaticamente a dança, se ela já tá trabalhando seu corpo, ela já está corrigindo esses defeitos que a gente às vezes tem.	16) A dança trabalha o corpo, então automaticamente corrige os defeitos (de postura).
17) No começo, por exemplo, a gente dançava música mais mecanizada, porque a gente não tinha soltura..., ...depois já foi passando pro adágio, que é pra gente aprender a ter leveza na mão..., ...e cada vez vai aperfeiçoando mais né..., ... quer dizer, vai cada vez evoluindo mais o processo.	17) A dança é um processo que vai se aperfeiçoando, que vai evoluindo.

Sujeito: N°2

Convergências no discurso	Unidades de significado interpretadas
Os movimentos mais soltos e naturais 1. A dança colabora para dar mais soltura ao corpo (1)	Os movimentos mais soltos e naturais 1. A dança colabora para dar mais soltura ao corpo.
Dançar interfere na postura 2. Para dar maior postura (1) A dança vai mexendo com a postura e deficientes que nunca tiveram o corpo trabalhado, tem o comportamento diferente (postura) (8) O trabalho constante com dança vai mudando e evoluindo a postura (10) Adquiriu através da dança uma postura normal (13) A dança trabalha o corpo, então automaticamente corrige os defeitos (de postura) (16)	Dançar interfere na postura 2. Um trabalho constante de dança vai mexendo com o corpo e modificando a postura.
Dançar desenvolve a noção de espaço 3. Para dar maior noção de espaço (3) Tem o corpo trabalhado com a dança, por isto tem boa noção de espaço, de limite, de esquerda, de direita, nem precisaria fazer aulas de locomoção (5)	Dançar desenvolve a noção de espaço 3. Ter o corpo trabalhado com a dança, dá maior noção de espaço.
Dançar o dia-a-dia 4. Para dar maior segurança no andar. (4)	Dançar o dia-a-dia 4. Dançar dá maior segurança no andar.
Parar vai ser ruim 5. Parar (de dançar) vai ser uma coisa ruim. (6)	Parar vai ser ruim 5. Parar de dançar vai ser uma coisa ruim.
Dança como um processo no desenvolvimento 6. A dança vai acompanhando o desenvolvimento do aluno (7). A dança ajuda muito quem não enxerga (10). A dança é um processo que vai se aperfeiçoando, que vai evoluindo (17).	Dança como um processo no desenvolvimento 6. A dança é um processo que vai acompanhando o desenvolvimento do aluno.
O gostar de dançar 7. Adora dançar (9). Adora dançar (14).	O gostar de dançar 7. Adora dançar.

Dançar ajuda quem não enxerga 8. A dança ajuda muito quem não enxerga (11).	Dançar ajuda quem não enxerga 8. A dança ajuda quem não enxerga.
Viver como uma pessoa não deficiente 9. Todo deficiente deveria dançar para viver normal como as outras pessoas (12)	Viver como uma pessoa não deficiente 9. A pessoa deficiente deve dançar para viver normal como as outras pessoas.
Dançar é viver 10. Vivenciar a dança quer dizer viver (15)	Dançar é viver 10. Vivenciar a dança é viver.

Análise Ideográfica

Sujeito 2

O sujeito nº 2 gosta muito de dançar e acha que a dança é um processo que vai acompanhando o desenvolvimento do aluno. Ajuda muito a pessoa portadora de D.V. melhorando o seu andar, a sua postura, a sua noção de espaço, dando soltura ao corpo. Ajuda a pessoa deficiente a viver como as outras pessoas (não deficientes). Vivenciar a dança para ele é viver.

Sujeito Nº 3

O que é isso, vivenciar a Dança para você?

Bom, então, pensei assim, acho que seria assim, **[(1) primeiro, a gente adquirir para gente mesmo uma certa espontaneidade nos movimentos cotidianos, nos movimentos de andar, nos movimentos de... , a movimentação cotidiana]**, assim, **[(2) aplicar aquela soltura que a gente adquire através da dança, aplicar isso nos movimentos do dia-a-dia, no andar, coisa assim, é a gente adquirir também essa soltura.]** E acho que em questão também para sociedade, para as outras pessoas assim, **[(3) eu acho que a dança é uma das formas mais, assim, concreta da gente se aproximar das pessoas que são, que não são deficientes]**, né, porque **[(4) a dança no caso, seria uma coisa visual, seria uma coisa que a pessoa, o praticante, né, precisa da visão, então se a gente é deficiente visual e pratica dança, a gente aproxima muito daqueles que tem a visão normal]**. Eu penso assim.

Então, eu acho que nestes dois sentidos, **[(5) a gente aproveita para nós mesmos, no sentido de ter essa movimentação mais solta, mais natural]**, **[(6) e também para as pessoas com as quais a gente convive, que a gente apresenta trabalho para mostrar, também essa aproximação, ou até essa igualdade mesmo de capacidades entre os deficientes e os não deficientes]**, né?

E, deixa eu pensar, acho que seria isso.

Eu acho que também, eu estava pensando assim, **[(7) se a pessoa tem uma soltura maior de movimento, eu acho que a relação dela com as outras**

peessoas fica mais, fica mais fácil], assim, porque eu acho que as pessoas videntes, no caso de se tratar especificamente assim da deficiência visual, elas se comunicam muito por gestos, né, quer dizer, uma conversa entre as pessoas, às vezes o olhar que a pessoa tem uma para outra já diz tudo, a pessoa nem precisa falar, ou, às vezes acontece alguma coisa, a pessoa faz um gesto para outra e já disse tudo assim, **[(8) então eu acho que a gente, sem ter esse trabalho de dança, sem ter essa vivência, né, da dança, a gente naturalmente não tem tanto essa solteira de gestualidade na conversa com as outras pessoas, quanto que uma pessoa que é vidente tem, então, eu acho que isso com a dança, a gente adquire também] e [(9) a gente pode assim, nas conversas, nos movimentar mais, sabe assim, nas conversas, de repente falar com as mãos assim, então acho que isso a gente vai adquirindo, é pelo próprio desenvolvimento de movimentação, que a gente vai tendo com a dança], [(10) porque querendo ou não, a gente sem perceber vai aprendendo formas de movimentos que a gente não conhecia]**, né, porque se pensar assim, **[(11) a Dança no caso dos videntes seria uma cópia dos movimentos ou na própria vida mesmo, os videntes copiam os movimentos que eles vêem das outras pessoas, nós não, nós temos que ter esse modelo de movimentação para gente copiar, senão a gente não tem como copiar e desenvolver isso, então a gente conhecendo, tendo uma consciência dos movimentos, ou seja, do que a gente pode fazer com o corpo, acho que fica mais fácil essa vivência, assim dessa movimentação]**, né?

Então, eu acho inclusive até que o apoio familiar, a compreensão familiar,

assim, das pessoas mais próximas da gente, acho que também facilita, porque a família também tem uma caminhada com a gente, quer dizer, a família, quando os pais tem um filho deficiente, eles não são preparados para isso, eles não têm de repente um curso para ter um filho deficiente, eles têm um filho deficiente e aí está na mão deles e eles se viram para, quer dizer, não diria um peso, mas uma coisa nova para eles assim, então acho que isso, apesar deles terem..., no meu caso, assim, eu ter um bom apoio familiar assim né, mas eu acho que em geral assim, através disso eles vão percebendo que os mesmos requisitos que eles precisam para educar qualquer outro filho, né, eles precisam na educação de um filho deficiente, então eles vão vendo que as coisas são muito, que as dificuldades de um deficiente e de um não deficiente são muito próximas, né, então acho que isso vai facilitando na educação dos filhos, para própria família, a própria família vai se entregando mais e isso vale assim como até um incentivo mesmo, né, para eles. E eu acho que seria isso, acho que também quem lida com isso, no caso os professores de Dança mesmo, acho que devem ter uma certa realização também por perceberem que eles fazem o movimento e o aluno copiar, eles podem passar esse movimento para o aluno de outra forma, no caso que se eles passarem para gente copiar a gente não consegue fazer, então eles têm que passar isto de outra forma, ou falando ou pegando na gente, fazendo, então, acho que eles ampliam também a comunicação que eles têm com os alunos, eles aprendem também uma nova comunicação, né, acho que isso para eles deve proporcionar ou certo enriquecimento, assim, né? e, eu acho que isso que me lembro assim.

... Eu acho que isso, **[(12) a Dança é até um caminho para gente, né? se de repente um dia a gente quiser seguir isso, de maneira assim mais profissional]**, mais assim, **[(13) para nossa vida mesmo, profissional mesmo, a gente querer ter essa profissão exclusiva, acho que também é um caminho]**, apesar da gente também ter, eu, por exemplo, que lido com música também, ou alguma outra pessoa que tenha desejo de fazer alguma outra profissão, mas acho que também vale como uma atividade profissional, mesmo que a gente possa seguir, ou não, né? Mas tem essa possibilidade também, né?

... Porque o campo profissional para o deficiente, quer queira quer não queira, é complicado, existe um monte de preconceitos, de barreiras, né, as pessoas não se conscientizaram ainda de que um deficiente pode produzir tanto quanto, até mais que uma pessoa não deficiente, depende do caso, acho que, deficiência não é um fator de dizer se a pessoa vai produzir mais ou menos, né, são outros fatores que...

Eu acho que é isso mesmo, os professores da família, da sociedade, para nós mesmos, e eu acho também que as pessoas tem esse..., isso que a gente estava falando deste preconceito que as pessoas tem, né, contra o deficiente, mesmo para contratar assim para alguém, serviço, no caso, profissional, eu acho assim, se a gente mostrar, **[(14) é importante que haja uma divulgação deste trabalho de dança, porque se a gente mostrar isso para essas pessoas, elas vão percebendo também que é possível, elas vão percebendo que não é como elas pensavam, porque eu acho que as pessoas tem muito preconceito, né, muitas barreiras assim, contra um deficiente]**, não por culpa

delas mesmos porque elas não conhecem, sabem o que um deficiente é capaz ou não, quer dizer nunca tiveram contato ou lidaram com isso, então **[(15) acho que se a gente mostrar isso, sendo a dança uma forma muito clara de que tudo é igual, né, tudo é igual não porque se é deficiente não é igual, alguma coisa é diferente, acho que todos são diferentes entre si, deficientes ou não, mas se a dança é uma coisa que aproxima muito os deficientes das pessoas que não sejam deficientes, eu acho que eles vão vendo que a pessoa deficiente não é tão distante das outras, que é muito, que tudo que um ser humano tem um deficiente tem, porque às vezes, dá impressão que não se vê o deficiente como ser humano, se vê o deficiente como um deficiente]**, né, ele é tratado mais como um deficiente do que como uma pessoa em si, com qualidades ou com defeitos de seres humanos, sentimentos... Percebe-se o deficiente só como alguém que precisa de solidariedade e pronto, não se valoriza a capacidade que ele tem, não se valoriza é: as qualidades pessoais, humanas, afetivas, psicológicas que a pessoa tem, então, **[(16) eu acho que a dança é uma forma também de aproximar e de se valorizar mais o deficiente como um ser humano, do que propriamente como um deficiente só]**, né.

Sujeito: N° 3

Unidades de Significado	Redução Fenomenológica
1) Primeiro, a gente adquirir pra gente mesmo uma certa espontaneidade nos movimentos cotidiano, nos movimentos de andar, nos movimentos de, a movimentação cotidiana.	1) Adquiriu com a dança uma certa espontaneidade nos movimentos do cotidiano.
2) Aplicar aquela soltura que a gente adquire através da dança, aplicar isso nos movimentos do dia-a-dia, no andar, coisa assim, é a gente adquirir também essa soltura.	2) Aplicar a soltura que aprende com a dança nos movimentos do dia-a-dia.
3) Eu acho que a dança é uma das formas mais, assim, concreta da gente se aproximar das pessoas que são, que não são deficientes.	3) A dança é uma maneira concreta de se aproximar das pessoas que não são deficientes.
4) A dança no caso, seria uma coisa visual, seria uma coisa que a pessoa, o praticante né, precisa da visão, então se a gente é D.V. e pratica dança, a gente se aproxima muito daqueles que tem a visão normal.	4) A pessoa portadora de D.V. se aproxima das pessoas videntes através da dança, por esta ser uma prática visual.
5) A gente aproveita pra nós mesmos, no sentido de ter essa movimentação mais solta, mais natural.	5) A dança possibilita uma movimentação mais solta e natural.
6) E também para as pessoas com as quais a gente convive, que a gente apresenta o trabalho pra mostrar, também essa aproximação, ou até essa igualdade mesmo de capacidades entre os deficientes e os não deficientes.	6) É uma possibilidade de mostrar igualdade de capacidades entre pessoas deficientes e não deficientes.
7) Se uma pessoa tem uma soltura maior de movimentos, eu acho que a relação dela com as outras pessoas fica, fica mais fácil.	7) Ter uma maior soltura ajuda na relação com as outras pessoas (não deficientes).
8) Então eu acho que a gente, sem ter esse trabalho de dança, sem ter essa vivência né, da dança, a gente naturalmente não tem tanto essa soltura da gestualidade na conversa	8) Com a dança se adquire uma soltura de gestualidade na conversa, como uma pessoa vidente tem.

com as outras pessoas, quanto uma pessoa vidente tem, então eu acho que isso com a dança a gente adquire também.	
9) A gente pode assim, nas conversas nos movimentar mais, sabe assim, de repente falar com as mãos, assim, então acho que isso a gente vai adquirindo é pelo próprio desenvolvimento de movimentação, que a gente vai tendo com a dança.	9) É desenvolver nas conversas uma movimentação mais natural, que se adquire com a dança.
10) Porque querendo ou não, a gente sem perceber vai aprendendo formas de movimento que a gente não conhecia.	10) É descobrir formas de movimentos que não conhecia.
11) A dança no caso dos videntes seria uma cópia dos movimentos ou na própria vida..., ...nós não, nós temos que ter esse modelo de movimentação pra gente copiar, senão a gente não tem como copiar e desenvolver isso, então a gente conhecendo, tendo uma consciência assim, até corporal, uma consciência dos movimentos, ou seja, do que a gente pode fazer com o corpo, acho que fica mais fácil essa vivência, assim dessa movimentação.	11) A pessoa portadora de D.V. não tem como copiar os movimentos então ter uma consciência corporal facilita a vivência de sua movimentação e construção de seus modelos.
12) A dança é até um caminho pra gente né? Se de repente um dia a gente quiser seguir isso, de maneira assim mais profissional.	12) A dança é mais uma possibilidade profissional.
13) Pra nossa vida mesmo, profissional mesmo, a gente querer ter essa profissão exclusiva, acho que também é um caminho.	13) A dança é uma caminho profissional.
14) É importante que haja uma divulgação deste trabalho de dança, porque se a gente mostrar isso pra essas pessoas, elas vão percebendo que não é como elas pensavam, porque eu acho que as pessoas tem muito preconceito, né, muitas barreiras assim, contra um deficiente.	14) A divulgação do trabalho da dança é importante para romper com barreiras e preconceitos contra deficiente.

15) Acho que se a gente mostrar isso, sendo a dança uma forma muito clara de que tudo é igual né, tudo é igual não é igual..., ...mas se a dança é uma coisa que aproxima muito os deficientes das pessoas que não sejam deficientes, eu acho que eles vão vendo que a pessoa deficiente não é tão distante das outras, que é muito, que tudo que um ser humano tem um deficiente tem.	15) A dança é uma forma clara de aproximar os deficientes de pessoas não deficientes.
16) Eu acho que a dança é uma forma também de aproximar e de valorizar mais o deficiente como um ser humano, do que propriamente como um deficiente só.	16) A dança é uma forma de valorizar o deficiente como ser humano.

Sujeito: N°3

Convergências no discurso	Unidades de significado interpretadas
Dançar o dia-a-dia 1. Adquire com a dança uma certa espontaneidade nos movimentos do cotidiano (1) Aplica a soltura nos movimentos do dia-a-dia (2)	Dançar o dia-a-dia 1. A dança possibilita uma espontaneidade e soltura nos movimentos do cotidiano.
A integração pela dança 2. A dança é uma maneira concreta de se aproximar das pessoas que não são deficientes (3) A pessoa portadora de D.V. se aproxima das pessoas videntes através da dança, por esta ser uma prática visual (4) Ter uma maior soltura ajuda na relação com as outras pessoas (não deficientes) (7) A dança é uma forma clara de aproximar os deficientes de pessoas não deficientes (16)	A integração pela dança 2. A dança possibilita uma maior aproximação da pessoa portadora de D.V. daqueles que não o são, a soltura dos movimentos ajuda nas relações com as pessoas videntes.

Os movimentos mais soltos e naturais 3. A dança possibilita uma movimentação mais solta e natural (5)	Os movimentos mais soltos e naturais 3. A dança possibilita uma movimentação mais solta e natural.
Igualdade de capacidade 4. É uma possibilidade de mostrar igualdade de capacidade entre pessoas deficientes e não deficientes (6)	Igualdade de capacidade 4. A dança possibilita mostrar uma igualdade de capacidade.
Dançar é ter consciência de tudo 7. A pessoa portadora de D.V. não tem como copiar os movimentos, então ter uma consciência corporal facilita a vivência de sua movimentação e construção de seus modelos (11)	Dançar é ter consciência de tudo 7. Ter uma consciência corporal facilita na construção de seus modelos e na vivência de seus movimentos.
A dança como profissão 8. A dança é mais uma possibilidade profissional (13) A dança é um caminho profissional (14)	A dança como profissão 8. A dança é uma possibilidade de caminho profissional a seguir.
Romper barreiras e preconceitos 9. A divulgação do trabalho de dança é importante para romper com barreiras e preconceitos contra os deficientes (15)	Romper barreiras e preconceitos 9. A divulgação do trabalho é importante para se romper com preconceitos contra a pessoa portadora de deficiência.
A valorização da pessoa 10. A dança é uma forma de valorizar o deficiente como ser humano (17)	A valorização da pessoa 10. A dança é uma forma de valorizar a pessoa portadora de deficiência como um ser humano.

Análise Ideográfica

Sujeito 3

O sujeito nº 3 aponta para a importância da dança como meio de aproximação com pessoas não deficientes, sendo uma oportunidade de mostrar

suas igualdades de capacidades. Experimentar os movimentos de forma mais espontânea melhora o seu cotidiano, bem como torna sua gestualidade mais natural, como a de uma pessoa vidente. A dança lhe possibilita novas descobertas e uma consciência do corpo, isso ajuda na construção das suas referências. Projeta a possibilidade desta área ser sua opção profissional, a divulgação do trabalho ajuda a romper com preconceitos. Espera ser valorizado como ser humano e não como deficiente.

QUADRO DE ANÁLISE NOMOTÉTICA

Unidades de Significado Interpretadas	DISCURSOS			
	1	2	3	T
O gostar de dançar 1. Gosta de dançar e desde pequena acha legal, mas nunca parou para pensar sobre o assunto (D1.1) 2. Adora dançar (D7.2)	X	X		2
Viver como uma pessoa não deficiente 3. Desenvolvendo uma gestualidade, uma movimentação natural como de uma pessoa vidente (D5.3) 4. A pessoa deficiente deve dançar para viver normal como as outras pessoas (D9.2).		X	X	2
Os movimentos mais soltos e naturais 5. A dança possibilita uma movimentação mais solta e natural (D3.3) 6. A dança colabora para dar mais soltura ao corpo (D1.2)		X	X	2
Dançar o dia-a-dia 7. A dança possibilita uma espontaneidade e soltura nos movimentos do cotidiano (D1.3) 8. Dançar dá maior segurança no andar (D4.2)		X	X	2
Dançar interfere na postura 9. Um trabalho constante de dança vai mexendo com o corpo e modificando a postura (D2.2).		X		1
Dançar desenvolve a noção de espaço 10. Ter o corpo trabalhado com a dança dá maior noção de espaço (D3.2)		X		1
Parar vai ser ruim 11. Parar de dançar vai ser uma coisa ruim (D5.2).		X		1

Dança como um processo no desenvolvimento 12. A dança é um processo que vai acompanhando o desenvolvimento do aluno (D6.2)		X		1
Dançar ajuda quem não enxerga 13. A dança ajuda quem não enxerga (D8.2).		X		1
Dança é viver 14. Vivenciar a dança é viver (D10.2).		X		1
A dança como meio de aproximação de pessoas videntes 15. A dança possibilita uma maior aproximação da pessoa portadora de deficiência visual daqueles que não são, a soltura dos movimentos ajuda nas relações com as pessoas videntes (D2.3)			X	1
Igualdade e capacidade 16. A dança possibilita mostrar uma igualdade de capacidades (D4.3)			X	1
Novas descobertas 17. Descobrimos o desconhecido (D6.3).			X	1
A vivência e a construção de referências para os movimentos 18. Ter uma consciência corporal facilita na construção de seus modelos e na vivência de seus movimentos (D7.3)			X	1
A dança como profissão 19. A dança é uma possibilidade de caminho profissional a seguir (D9.3)			X	1
Romper preconceitos 20. A divulgação do trabalho é importante para se romper com preconceitos contra a pessoa portadora de deficiência (D10.3)			X	1
A valorização da pessoa 21. A dança valoriza a pessoa portadora de deficiência como um ser humano (D11.3).			X	1

VII. Conversando sobre os Resultados

Chegamos aqui a duas partes da discussão, as quais denominamos de o *corpo coletivo* e o *corpo individual*.

Viver como uma pessoa não-deficiente, Dançar ajuda quem não enxerga, A dança como meio de aproximação de pessoas videntes, Igualdade de capacidades, A dança como profissão, Romper preconceitos e a Valorização da pessoa são unidades de significado interpretadas as quais convergimos para o corpo coletivo. Desta a categoria extraímos dos discursos e refletimos a respeito do corpo que dança em relação ao mundo, do corpo em contato com o outro, a confrontação das barreiras sociais e culturais com a sociedade, os direitos e os deveres das pessoas enquanto cidadãos, a cidadania do corpo.

O gostar de dançar, os movimentos mais soltos e naturais, dançar o dia-a-dia, dançar interfere na postura, Dançar desenvolve a noção de espaço, parar vai ser ruim, Dança como um processo no desenvolvimento, Dançar é viver, Novas descobertas, e A vivência e a construção de referências para os movimentos são unidades de significado interpretadas que aproximamos e discutimos na essência do corpo, o que denominamos de o corpo individual. Corpo que vivemos e o qual somos, o bem-estar subjetivo do corpo que nos faz presente no mundo, o conhecimento contínuo de si, as experiências próprias internas que nos fazem reconhecer, aprender e comunicar com o mundo.

Estes momentos estão apresentados separados para melhor delinear nossas discussões, mas para realmente serem significantes, devemos compreendê-los enquanto estrutura complexa, que converge e diverge a todo instante, que se penetram infinitamente, são dependentes e independentes ao mesmo tempo, geram conflitos e acordos, nos fazem aprender a olhar para a corporeidade do ser.

VII.1. O Corpo Coletivo

Movimentar é conquistar e explorar o meio no qual estamos, é nossa estrutura básica de comunicação. Podemos até dividir nossas experiências em intelectuais, emocionais, culturais, perceptuais, sociais, físicas, mas elas estarão sempre relacionadas intimamente umas com as outras, sempre com o fator primeiro de sermos o nosso corpo.

O corpo é uma permanência que não deixa de ser quando não emitimos mensagens orais. Os nossos gestos, os nossos movimentos são o que chamamos de linguagem não-verbal, portanto, nosso corpo é sempre permanente, presente a todo e qualquer instante.

A pessoa portadora de deficiência visual carrega em si as experiências próprias, vividas pelo seu mundo referente. O nosso mundo lhe é reflexo de barreiras, pois nós vivemos das imagens, dos reflexos do mundo, ocultamos os sentidos outros em detrimento de nossa visão, somos dependentes do enxergar e olhadores diários da vida.

Desta maneira, a pessoas portadoras de deficiência visual experimenta

também o seu mundo pelo referencial do outro. *Viver como uma pessoa não-deficiente, A dança como meio de aproximação de pessoas videntes*, nos faz refletir a respeito de um sentido castrador que imprimimos às pessoas, ou seja, os seus anseios é que a dança lhes possibilite ter os movimentos mais parecidos com os das pessoas videntes, que sua aproximação seja tão "natural" quanto do outro, então estará vivendo "normal" como as outras pessoas.

"... A dança é (...) acho que todo deficiente deverá dançar, deveria trabalhar o corpo, para viver normal como as outras pessoas..." (Sujeito 2)

Será que não somos nós mais cegos e que não percebemos as nossas próprias limitações? José Saramago, em seu "Ensaio sobre a Cegueira", nos faz parar e nos obriga a fechar os olhos para ver, então recuperar a lucidez de se ter olhos, de se ter olhos para o afeto, para o desejo do outro e não apenas o próprio desejo. Existem os cegos vêem e os cegos que vendo, não vêem.

As dificuldades encontradas no mundo, sejam elas as barreiras arquitetônicas, os preconceitos, a falta de oportunidades, também se expressam nos discursos traduzidos nas *Igualdade de capacidades, O romper preconceitos, A dança como profissão, O desejo de valorização da pessoa não como deficiente*.

A dança vem como força pulsante que possibilita à pessoas portadoras de deficiência visual romper com a própria experiência. O que de um lado lhe restringe, de outro lhe possibilita participar, atuar como agente de seu próprio mundo, construir seu convívio afetivo e social, se valorizando e sendo valorizado por suas próprias possibilidades.

"O corpo é o primeiro momento da experiência humana. O sujeito, antes de ser um ser que conhece, é um ser que vive e sente, que é a maneira de participar, pelo corpo, do conjunto da realidade." (Venâncio, 1994:40).

A dança lhes permite mostrar e se mostrar para o mundo, abrir caminhos profissionais, fazer sonhar acordado com um espectro de possibilidades, fazer criar um mundo recheado de sonhos e de desejos, transformar os preconceitos em degraus a se vencer com aquele sabor da vitória conquistada, por uma luta apenas iniciada.

"Nossa história é uma história de domínio do intelecto sobre o corpo, do senhor sobre o escravo, do patrão sobre o trabalhador. Ou seja, sempre de separação entre o corpo e a mente. Vivemos de explorar nossos semelhantes e submeter o trabalho corporal ao intelectual." (Freire, 1991:27)

Como as imagens nos dominam, restringimos nossas possibilidades do aprender corporal. Ser cego significa ter outros referenciais, uma luz mesmo que seja escuro, suave mesmo que sinta pesado; podemos aprender a reconquistar a vida, as texturas da vida, pelo cheiro de um olhar, pelo toque de um gesto ou pela investigação de uma vida comunitária.

A experiência coletiva é que nos permite reconstruir um mundo de significados. A dança participa deste processo como experiência humana, como sentido original de sermos corpos que se comunicam. Diferente deste sentido, o conhecimento sobre o corpo torna-se insustentável e se revela nas palavras de Moreira (1994): *"Temos um corpo, conhecemos sobre um corpo... perdeu-se a sua unidade original, a sua comunhão com outros corpos e com as coisas."*

O que vemos hoje é cada vez mais absorção de modelos e padrões

massificados pelo mundo imagético que vivemos. A pasteurização é o maior símbolo deste final de século. Apesar de falarmos em cidadania, a individualização e a autonomia estão cada vez mais presentes em nossas vidas. Processos de sobrevivência do caos são o que permeiam nossa existência.

Assim, um novo olhar para o corpo nos possibilitará reconquistar o elo perdido entre o ter e ser. Revisar os paradigmas que permeiam a dança é emergente. Desta forma, possibilitar a pessoas portadoras de deficiência visual um universo mais humano, com possibilidades e oportunidades equivalentes, nos permitirá conhecer, aprender, sentir, trocar experiências, possibilitará exprimir nossos desejos indistintamente; a comunhão com o outro, com suas diferenças é o que realmente traduzimos em uma cidadania do corpo. Um corpo coletivo é livre porque comunga, porque respeita as diferenças, porque são iguais em oportunidades. Falarmos da consciência de sermos a vida.

VII.2. O Corpo Individual

Neste momento, transparecem as experiências que no decorrer da existência, o corpo busca a sua essência. São as experiências pessoais de crescimento e da humanização da própria vida, consigo.

A perspectiva fenomenológica delineia uma intenção contrária aos dualismos, supera as fragmentações. Assim, mesmo quando falamos de corpo individual, o mundo relacional deste com as coisas e com os outros se apresenta prontamente, pois somos unidade original e ser cultural ao mesmo instante.

Todas as unidades aqui eleitas nos levam a perceber o corpo enquanto

unidade sensível e inteligível. *Descobrir um novo espaço, Melhorar o dia-a-dia, A postura, a naturalidade dos gestos, Construir referências próprias*, são aspectos das experiências corporais que nos fazem descobrir e ampliar um conjunto de unidade existencial.

Gostar de dançar, Viver o dançar é descobrir possibilidades de afeto consigo mesmo, é se conhecer e se transformar a cada gesto, a cada sentimento, é ver um mundo rico de possibilidades interiores.

Nós somos nosso primeiro e fundamental mistério, muito podemos aprender sobre as funções e ações do corpo, mas o que nos sustenta como ser é vivermos em nós mesmos os nossos momentos, a todo instante.

A experiência de sermos nosso corpo é que testemunha esta outra visão de ser sujeito; os movimentos são nossa expressão primeira e cultural intimamente, conjugam e exalam a vida do homem.

Podemos olhar com outros e novos olhares para o corpo que dança com os olhos dos outros sentidos, e fazer redescobrir outros infinitos mistérios. Então, é perceber na nossa própria experiência e na existência do outro que o mundo é repleto de sabores e de texturas a serem tocadas, sentidas e pensadas pelo corpo que somos.

"Posso olhar o mundo um pouco com a inocência de uma criança, como aquele menino do conto de Anderson que viu que o rei estava nu. ...

Ser cego significa principalmente ter outra luz e outra sabedoria."

(Eugen Baucar, professor de Estética em Paris, fotógrafo, cego totalmente aos doze anos).

VIII. Conclusão

Um poema nunca é terminado, ele é abandonado para trilhar seu caminho renascendo a cada instante.

Assim, nosso trabalho se finda para recomeçar um novo caminho, deixamos aqui nossas discussões pensando estar incitando novas reflexões. Um pouco de nós fica registrado, como uma outra parte se vai com a sensação de muito ter aprendido.

Pensar no corpo da pessoa ~~portadora~~ de deficiência visual que dança, nos trouxe novas perspectivas e muitas possibilidades para instigar o olhar a olhar.

Redescobrimos as fronteiras do ser individual e coletivo, tentamos ultrapassar os limites e ir ao encontro dos caminhos que não conhecíamos e então, desejamos descobri-los.

A dança na Educação Física Adaptada nos fez mergulhar no universo do movimento, qual é expressão criativa do corpo, foi meio de ousar os limites e romper com os fragmentos, criar e viver se apresentaram como processos interativos.

Com o coração aberto mergulhamos no fenômeno situado, o sentir se fez sentido e o olhar muito mais que apenas visto, teceu seus sabores, odores e afetos...

IX. Bibliografia

- ACKERMAN, Diane. Uma história natural dos sentidos. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1992.
- BIELER, R. B. *A questão da mulher portadora de deficiência no Brasil*. Seminário sobre "A mulher e a Deficiência." Nações Unidas, Vienna, Áustria, 1990.
- BLOCK, M. E. *Why all students with disabilities should be included in regular physical education*. *Palaestra*, 10 (3), Illinois, Spring 1994.
- BOBATH, B. *Atividade Postural Reflexa Anormal, causada por Lesões cerebrais*. São Paulo, Manole, 1978.
- BOUCIER, P. *História da Dança no Ocidente*. São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- CAVALCANTI, C. *Método Laban*. São Paulo, s/d.
- COORDENADORIA NACIONAL PARA INTEGRAÇÃO DA PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA. *Mídia e Deficiência: Manual de Estilo*. Brasília, Ministério da Ação Social. 1992.
- CUTSFORTH, T. D. *O cego na escola e na sociedade: um estudo psicológico*. São Paulo, Companhia Nacional de Educação dos Cegos, 1969.
- DUGGAR, M. P. What can dance be to someone who cannot see? *Journal of Health, Physical Education, Recreation*. Vol. 39, nº 5, may 1968.
- GÂNDARA, M. A. *A expressão corporal do deficiente visual*. São Paulo, Câmara Brasileira do Livro, 1992.
- GARAUDY, R. *Dançar a vida*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- GARCIA DE LA TORRE, J. M. *Los ciegos somos así*. Rio de Janeiro, Científico Médica, 1968.
- GOFFMAN, E. *Estigma, nota sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

- GUEDES, C. M. *Corpo: tradição, valores, possibilidades do desvelar*. Tese de Mestrado, Unicamp, Campinas, 1995.
- HALL, E. T. *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.
- HUGONNIER, S. C. *As deficiências visuais, deficiências e adaptação*. São Paulo, Manole, 1989.
- HUSSERL, E. *A Idéia da fenomenologia*. Rio de Janeiro: Edições 70.
- LABAN, R. *Domínio do Movimento*. São Paulo, Summus, 1978.
- LANGER, S. K. *Sentimento e Forma*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- MARTINS, J. *Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como páesis*. São Paulo: Cortez, 1992.
- MARTINS, J.; BICUDO, A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia*. São Paulo: Moraes, 1989.
- MELO, C. P. *Pessoas deficientes: alguma coisa que é preciso saber*. São Paulo, Conselho Estadual para assunto da pessoa deficiente, 1986.
- MELO, H. F. de R. *A cegueira trocada em miúdos*. Campinas, SP: UNICAMP, 1988.
- MENDES, M. G. *A Dança*. São Paulo, Atica, 1985.
- MERLEAU-PONTY, M. *Ciências do homem e fenomenologia*. São Paulo: Saraiva, 1973.
- _____. *A fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Martin Fontes, 1994.
- MINISTÉRIO DA AÇÃO SOCIAL - CORDE. *Mídia e deficiência. Manual de Estilo*. Brasília, 1992.
- MORAES, Adauto et al. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- MOREIRA, Wagner. W. (org.) *Corpo pressente*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- MOREIRA, Wagner. W. et al. *Educação Física e Esportes, perspectivas para o século XXI*. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- MORRISON, S. B. B. Teaching Rock and Roll Dancing to totally blind teenagers. *The new outlook for the Blind*. April, 1971, vol. 65, nº 4.
- MÜNSTER, M. A. *Jogos e brinquedos adaptados a portadores de deficiência visual*. Monografia de Especialização FEF - Unicamp. Campinas, 1993.

- NABEIRO, M. Atividade física e o deficiente visual. In: *IV Simpósio Paulista de Educação Física Adaptada*. São Paulo, USP, 1992.
- OSTROWER, F. *Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- PORTINARI, M. *História da Dança*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1989.
- ROCHA, H.; GONÇALVES, E. R. *Ensaio sobre a problemática da cegueira, prevenção, recuperação e reabilitação*. Belo Horizonte, fundação Hilton Rocha, 1987.
- SACKS, O. *Um antropólogo em Marte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SEVCENKO, N. *Pós-modernidade*. Campinas, Editora Unicamp, 1988.
- SHERILL, C. *Least restrictive environment and total inclusion philosophies: Critical Analysis*. *Palaestra*, 10 (3), Illinois, Spring 1994.
- STINSON, Susan W. *Uma pedagogia feminista para dança da criança*. (Trad. Isabel S. Marquês) Sixth Dance and The child International Conference. Sidney, Australia. Julho 1994.
- VENÂNCIO, S. *Educação Física para portadores do HIV*. Faculdade de Educação. Unicamp, 1994. (Tese de doutorado)